

A CONSTRUÇÃO MULTIMODAL DO DISCURSO ANTIFEMINISTA: ANÁLISE DE UM MEME SOBRE GÊNERO SOCIAL

THE MULTIMODAL CONSTRUCTION OF ANTIFEMINIST DISCOURSE: ANALYSIS OF A MEME ABOUT SOCIAL GENDER

Adriana dos Santos Pereira¹

Mestra em Letras

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

(adrika.pereira13@gmail.com)

Leonel Andrade dos Santos²

Mestre em Linguística

Universidade Estadual do Ceará

(profleonelsantos@gmail.com)

Priscila Caxilé Soares³

Mestra em Linguística

Universidade Federal do Ceará

(priscilacaxile@yahoo.com.br)

Renata Chaves Lopes⁴

Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa

Centro Universitário 7 de Setembro

(chaves.lopes@aluno.uece.br)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a construção dos aspectos multimodais do discurso antifeminista sobre gênero social. Para isso, ancoramo-nos em Fairclough (2001, 2003), Halliday (1970), Kress e van Leeuwen (2006) e Thompson (2011) para investigar um meme coletado na página Anti-feminismo, na rede social Facebook. A análise nos permitiu concluir que os autores se valeram de um forte investimento discursivo para construir o discurso antifeminista por meio da desconstrução do movimento feminista e da imagem das mulheres, representadas no meme pela artista Frida Kahlo. Os produtores do meme empregaram uma ideologia que legitima o patriarcado social vigente, veicularam o texto em uma página seguida por pessoas que corroboram esse discurso antifeminista e empregaram estruturas verbais e visuais que apresentam a personagem Frida como mulher submissa, subalterna e traída.

Palavras-chave: Discurso. Antifeminismo. Feminismo. Meme.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - Universidade Estadual do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8655-604X>

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1559-7447>

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5535-3338>

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - Universidade Estadual do Ceará.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3172-3052>

ABSTRACT: This article aims to analyze construction of multimodal aspects of antifeminist discourse on the social gender. For this, we rely on Fairclough (2001, 2003), Halliday (1970), Kress and van Leeuwen (2006), and Thompson (2011) to investigate a meme collected on the *Anti-feminism*, a page from the social network Facebook. We conclude that the authors used a strong discursive investment to build the antifeminist discourse through the deconstruction of the feminist movement and the image of the women, represented in the meme by the artist Frida Kahlo. The meme producers used an ideology that legitimizes the current social patriarchy, published the text in a page followed by people who corroborate this anti-feminist discourse and used verbal and visual structures that present the character Frida as submissive, subaltern and betrayed woman.

Keywords: Discourse. Antifeminism. Feminism. Meme.

Considerações iniciais

Os memes são criações dos próprios usuários da rede que se utilizam de alguma situação que obteve repercussão, geralmente na mídia, para reelaborar a ideia principal com efeitos humorísticos. Além disso, percebem-se também, nesse gênero do discurso, críticas sociais, políticas e culturais que se realizam por meio de imagens simbólicas e frases de efeito.

Conforme Davison (2012), o meme é um texto sucinto de cunho humorístico e de caráter verbo-visual que, mobilizando um remix cultural, ganha difusão *online*. Ademais, devido à alta capacidade de reprodução e velocidade com que são elaborados e ao seu poder de síntese, os memes funcionam como “micronarrativas, carregando em seu interior os discursos e as ideias que circulam no interior da trama cultural [...] constituindo, portanto, um aglutinador das dinâmicas do ciberespaço” (CALIXTO, 2017, p. 48). Dessa forma, compreendemos que hoje tais produções se constituem como *corpus* importante para pensarmos sobre os discursos que circulam na sociedade.

O *corpus* analisado, neste trabalho, é um meme coletado da página Anti-feminismo⁵ do Facebook que utiliza a imagem simbólica de Frida Kahlo e traz colocações verbais que desprestigiam a personagem por esta ser uma figura representativa do movimento feminista. Nosso objetivo é, portanto, analisar a

⁵ No período de nossa pesquisa, a página se encontrava na rede social Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/antifeminismo01/about/?ref=page_internal.

Já os comentários acerca do meme estavam disponíveis em: <https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.873006429390571/2326909134000286/?type=3&theater>. Acesso em: abr. 2019.

construção dos aspectos multimodais do discurso antifeminista sobre gênero social no meme supracitado.

Para investigarmos o discurso presente nessa prática social, utilizamos o modelo apresentado por Fairclough (2001), em sua obra *Discurso e mudança social*, o qual explanamos melhor posteriormente. Para análise do meme, quanto à parte verbal, embasamo-nos no aparato teórico-metodológico proposto por Halliday (1970), a Linguística Sistêmico-Funcional; quanto às estruturas não verbais, recorreremos ao suporte da Gramática do *Design Visual*, proposta por Kress e van Leeuwen (2006).

Na seção seguinte, fazemos uma breve explanação sobre as fases do movimento feminista e sobre as relações de gênero.

Relações de gênero

Segundo Pinto (2010), o movimento feminista passou por três fases bem definidas. A primeira teve origem na Inglaterra e era composta, principalmente, por mulheres de classe elevada, que tinham como principal reivindicação o direito ao voto, que só foi concedido em 1918. No Brasil, o direito de votar e ser votada em igualdade de condições aos homens só foi conquistado em 1932, ano da promulgação do Novo Código Eleitoral brasileiro, no Governo Vargas.

Na segunda fase, entretanto, as mulheres não haviam conseguido vitórias significativas até o surgimento da pílula anticoncepcional nos Estados Unidos, nos anos 1960. Esse marco histórico permitiu que a mulher questionasse o seu papel social de mãe, esposa e dona de casa. No entanto, enquanto países como Estados Unidos e França viviam uma onda de movimentos libertários, o Brasil era uma exceção, pois logo iniciara o Regime Militar, que não via com bons olhos o movimento feminista por entendê-lo como política moralmente perigosa.

Na terceira e última fase, a partir da década de 1980, o movimento feminista brasileiro conseguiu importantes vitórias com a redemocratização do país. Temas como violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo e orientação sexual passaram a ser questionados.

Para discutir esses temas, algumas figuras históricas, símbolos de representação feminina, foram resgatadas pelo movimento feminista contemporâneo, entre as quais destacamos Frida Kahlo. Conhecida como uma figura de mulher

guerreira, lutadora, tanto na vida pessoal quanto na social, Frida superou diversos problemas, como a poliomielite infantil, um acidente de ônibus na adolescência e atritos amorosos na fase adulta, para se tornar uma reconhecida pintora. Sua vida e obra refletem questões próprias do movimento feminista, como a superação pessoal, a não adequação a padrões estéticos, o engajamento político e, sobretudo, a conquista profissional, méritos antes remetidos apenas aos homens.

Na contramão de toda a luta das/para as mulheres, ao longo da história foram registradas pautas antifeministas. Segundo Schmidt (2006), o movimento antifeminista representa uma manifestação de intolerância, de base puritana, com forte tendência racionalista e autoritária, que visa à constituição de uma sociedade artificialmente uniforme e vai de encontro à não aceitação de fenômenos associados à própria dinâmica cultural típica de uma sociedade, coibindo, dessa forma, princípios democráticos.

Crescêncio (2017) rememora que a imprensa foi um agente desprestigiador do movimento feminista, como o tabloide O Pasquim, no início dos anos 1960, e a Revista Ilustrada, no início do século XX. A autora afirma que ideais tipicamente feministas como “direito ao corpo” e “igualdade entre os sexos” eram combustíveis para intenções do tabloide. Ademais, “o uso de estereótipos era exaustivo e a representação das mulheres feministas era bastante óbvia: feias, mal amadas, mal humoradas, solteironas, lésbicas” (CRESCÊNCIO, 2017, p. 2,3).

Da modalidade impressa à virtual, vivenciamos algumas mudanças de paradigmas e, para Lima e De Grande (2013), o ciberespaço propicia a oportunidade de ter um contato mais direto a outras culturas e a ter um acesso a diferentes perspectivas de discurso. A *web 2.0*, por exemplo, se organiza como um depósito no qual se encontra uma gama de posições de sujeito, engendrando, assim, a formação de nichos identitários como as conhecidas páginas do Facebook.

Muitas dessas páginas compõem uma série de *posts* que reproduz uma intolerância em relação à mulher, mais especialmente à engajada na luta feminista. O discurso produzido por esses *posts* sustenta-se em uma memória coletiva, coagulada em uma recorrente estigmatização da mulher feminista como frustrada e assexuada.

As três próximas seções trazem a fundamentação teórico-metodológica que nos auxilia na análise verbo-visual do meme selecionado.

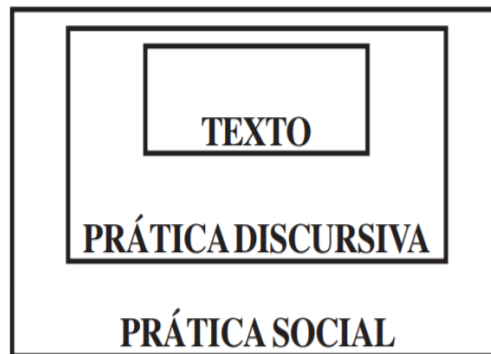
O modelo tridimensional de análise de discurso em Fairclough

A Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) tem como foco principal o mapeamento entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade com vistas à transformação social. Nessa perspectiva, suas análises devem movimentar-se entre o linguístico e o social. Destacamos o conceito de Vieira e Macedo (2018, p. 49), que compreendem a ADC como “um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares e transdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social”. É “teoria e método” e apresenta o texto como a “unidade mínima de análise”.

Importante lembrar que o vocábulo discurso apresenta inúmeras concepções, mas nos interessam os pressupostos de Fairclough (2001, 2003) que compreende discurso como parte da prática social, dialeticamente interconectada a outros elementos, como: o mundo material, as relações sociais e os sujeitos com suas crenças e valores.

De acordo com Resende e Ramalho (2004, p. 186), o discurso é “socialmente constitutivo – através do discurso se constituem estruturas sociais – e constituído socialmente – os discursos variam segundo os domínios sociais em que são gerados de acordo com as ordens de discurso a que se filiam”. Vale ressaltar também o caráter emancipatório da ADC que, por meio da investigação entre discurso e prática social, busca desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação de tais estruturas.

Quanto ao modelo de análise da abordagem dialético-relacional, segundo Vieira e Macedo (2018, p. 66, 67), “atualmente, considera-se o percurso em que Fairclough saiu do modelo tridimensional (1992), passou pelo bidimensional (2003) e chegou à análise social (2006)”; no entanto, por questões de familiaridade e didática, esta pesquisa utiliza o primeiro modelo, o qual se divide em três etapas, como na figura seguinte.

Figura 1: Concepção tridimensional do discurso

Fonte: Fairclough (2001, p. 101)

O modelo tridimensional apresentado por Fairclough (2001), em *Discurso e mudança social*, propõe a análise do texto, da prática discursiva e da prática social. Embora, graficamente, esses elementos apareçam separados, é imprescindível vê-los sempre superpostos na prática para a compreensão da relação dialética entre discurso e sociedade. No prefácio à edição brasileira dessa obra, a pesquisadora Izabel Magalhães destaca que a teoria faircloughiana é inovadora porque propõe examinar detalhadamente não só o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e ideologias, mas também seu poder fundamental na transformação/emancipação social.

De acordo com Fairclough (2001), a prática discursiva, de natureza variável, é mediadora entre o texto e a prática social. Por prática discursiva, entendem-se os processos de produção, distribuição e consumo do texto, os quais estão relacionados a aspectos econômicos, políticos e institucionais. Força, coerência e intertextualidade são três importantes dimensões de análise relacionadas aos aspectos sociocognitivos da produção e da interpretação discursiva nos mais variados contextos situacionais.

Já o modelo de análise textual é pormenorizado e organizado em quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Essas categorias analíticas centram-se, respectivamente, em/na: (a) lexicalizações, significações, neologismos; (b) forma como as relações entre as palavras são combinadas nas frases; (c) forma como são feitas as ligações nas frases e orações, nos mecanismos de referência; (d) propriedades organizacionais do texto, maneiras e ordens como os elementos são combinados.

As práticas sociais estão relacionadas a aspectos hegemônicos e ideológicos. Nestes, são considerados os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas, o estilo; naqueles se observam as orientações da prática social, que podem ser econômicas, políticas, ideológicas e culturais. Investiga-se como o texto se insere em focos de luta hegemônica, colaborando na articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos.

Desse modo, para Resende e Ramalho (2004, p. 189), compreender “o uso da linguagem como prática social implica entendê-la como um modo de ação historicamente situado”. Acerca disso, Fairclough (2001) ressalta que as práticas sociais apresentam várias orientações (política, econômica, cultural, ideológica) nas quais o discurso sempre se liga às relações de poder, valores e identidades.

A linguística sistêmico-funcional

O aparato teórico-metodológico proposto pela Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) pode contribuir sobremaneira para o desvelamento das relações de poder e da instauração de hegemonias impostas pelo estrato verbal da linguagem. Essa abordagem de cunho descritivo propõe o que Gouveia (2009, p. 14) chama de uma “teoria geral do funcionamento da linguagem humana”, pois investiga as estruturas gramaticais e promove uma produtiva metalinguagem para análise de textos em função dos usos que os falantes fazem da língua nas diversas situações sociocomunicativas.

Gouveia (2009, p. 15) nos chama atenção para o fato de que, de acordo com Halliday (1970), “a língua se organiza em torno de redes relativamente independentes de escolhas e que tais redes correspondem a certas funções básicas da linguagem”, além da função comunicativa, que é basilar. Conforme essa perspectiva, utilizamos a língua para: (a) expressar conteúdos que deem conta da nossa experiência e da relação tanto com o mundo externo quanto com o mundo interno; (b) manter relações sociais uns com os outros e desempenhar determinados papéis sociais; (c) promover relações entre outras partes/estruturas da mesma instância da língua e organizar a mensagem tornando-a situacionalmente relevante.

Essas metafunções (ideacional, interpessoal e textual respectivamente) podem ser tomadas como categorias de análise da dimensão textual, pois, conforme aponta Fairclough (2001, p. 104), “as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a

estrutura de suas orações, que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) das identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença”. Assim, é importante também que compreendamos as especificidades envolvidas em cada uma das três metafunções de Halliday (1970).

Na metafunção ideacional, busca-se compreender as representações do mundo, que se dão por meio do acionamento do sistema de transitividade na escolha de processos, de participantes e de circunstâncias. Já na metafunção interpessoal, pretende-se compreender a troca de informações na relação entre as pessoas, pela linguagem, analisando os papéis discursivos adotados (que se resumem basicamente nas possibilidades de dar ou pedir) e os elementos negociados na interação (bens e serviços [através de uma oferta] ou informações [através de uma declaração]). Por fim, na metafunção textual, procura-se compreender a estrutura temática nas orações (a relação tema-rema) e a estrutura da informação e do foco (na relação entre dado e novo). Por essas categorias, podemos compreender a relevância que (não) é dada a determinadas informações do texto e como o locutor opera na introdução de elementos novos e na sua retomada.

A gramática do *design* visual

Ancorados nas metafunções de Halliday (1970), Kress e van Leeuwen elaboraram, em 1996, uma ferramenta crítico-analítica para o estudo das estruturas visuais: a Gramática do *Design* Visual (doravante GDV). Para os autores, os textos visuais representam e “produzem imagens da realidade”. Isso implica dizer que, assim como a escrita, as imagens nos auxiliam na compreensão de valores, crenças e práticas socioculturais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 47). À luz dos princípios semióticos, Almeida (2008, p. 9) defende que a GDV se configura como “a conscientização das imagens não como veículos neutros desprovidos de seu contexto social, político e cultural, mas enquanto códigos dotados de significado potencial, imbuídos de estruturas sintáticas próprias”.

Nessa perspectiva, Kress e van Leeuwen (2006, p. 18) destacam ainda que o texto imagético é uma mensagem organizada e “conectada ao texto verbal, mas de forma alguma dependente dele”. Ao utilizar uma sintaxe própria, cuja análise se baseia em cores, ângulos, posicionamentos, saliências, estruturações, a GDV se organiza em metafunções que, didaticamente, auxiliam a leitura e a compreensão dos textos

visuais. São estas as suas três metafunções: representacional, interativa e composicional.

Mediante construções vetoriais (linhas imaginárias que indicam direcionalidade), a metafunção representacional investiga a relação existente entre os participantes internos (pessoas, objetos ou lugares) representados nas composições imagéticas em estruturas narrativas, como seres dinâmicos que vivenciam ações; e estruturas conceituais, como personagens estáticos que são descritos em termos de categoria ou classe. Já a metafunção interativa se refere às estratégias de proximidade ou distanciamento entre os participantes internos e externos (observadores) do texto visual. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), recursos como contato, distância social, perspectiva e modalidade pretendem criar um elo entre produtor, imagem e leitor. Por último, a metafunção composicional integra os elementos representacionais e interativos, ou seja, interliga as partes visuais de uma imagem a fim de obter um todo coerente e coeso, por meio de três categorias básicas: valor de informação, saliência e estruturação.

A seguir, algumas das categorias de nossa fundamentação teórica são apontadas no meme e analisadas de acordo com o propósito da pesquisa.

Análise do meme: uma perspectiva tridimensional do discurso

Nesta seção, procedemos à análise de um meme coletado na página Anti-feminismo, uma das quatro páginas do Facebook autointituladas antifeministas, em 2019, a qual apresentava bastantes postagens machistas. Ao navegarmos por tais publicações, deparamo-nos com um meme cuja personagem remixada, Frida Kahlo, é uma célebre figura representativa do movimento feminista que, nesse caso, aparece inserida em meio a discursos opostos aos seus. Por essa razão, coletamos o meme para a constituição do *corpus* desta pesquisa.

Inicialmente, lançamos olhar sobre a prática social, especificamente no que tange à ideologia e hegemonia. Em seguida, abordamos a prática discursiva levantando questões sobre aspectos da produção, da distribuição e do consumo textual. Por fim, analisamos o texto, investigando a dimensão verbal, à luz das categorias da LSF, e a visual, à luz das categorias da GDV; concluindo, portanto, a análise tridimensional do discurso proposta por Fairclough (2001). Ainda que o modelo de análise transdisciplinar de 2006 seja o mais atual para os trabalhos na ADC

faircloughiana, destacamos que a escolha pelo modelo tridimensional ocorreu por questões didáticas, bem como pela capacidade de atender ao objetivo de nossa pesquisa: analisar a construção dos aspectos multimodais do discurso antifeminista em um meme sobre gênero social. Vejamo-lo.

Figura 2: Meme sobre gênero social



Fonte: Página Anti-feminismo no Facebook

No tocante à **prática social**, dois termos são de grande importância para nossa análise: ideologia e hegemonia. Em consonância com os objetivos da ADC, utilizamos o caráter conceitual inerentemente negativo e crítico de Thompson (2011), para quem as ideologias são recursos implícitos em práticas sociais pelos quais se constroem sentidos simbólicos que naturalizam relações de subordinação. Diferentemente de Marx, que via as relações de poder condicionadas apenas às lutas de classes, principais causas dos contrastes nas sociedades humanas, Thompson (2011, p. 77) sustenta que, atualmente, as ideologias servem também a outras formas de dominação, como conflitos “entre os sexos, entre os grupos étnicos, entre os indivíduos e o estado”. Apoiando-se em Gramsci, Fairclough (2001, p. 122) retoma o termo hegemonia como “liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade; construção de alianças [...] mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento”.

De acordo com Weber, citado por Thompson (2011, p. 82), relações de dominação podem ser construídas e fortalecidas “pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio”. Assim, no que concerne ao modo de operação ideológica encontrado no meme, sublinhamos a legitimação, a qual se mostra como uma tentativa de justificar a submissão da mulher, que, muitas vezes, ainda vive subjugada ao patriarcado legitimado pelo sistema social vigente. Em pleno século XXI, ideologias hegemônicas podem inculcar, nos sujeitos envolvidos em práticas sociodiscursivas diversas, o casamento e a maternidade como tarefas femininas fundamentais. Nesse caso, práticas rotineiras de infidelidade são culturalmente aceitas quando praticadas por um homem (Trotsky, por exemplo), pois “são da natureza masculina”, e extremamente condenadas quando realizadas por uma mulher, a qual, em silêncio, deve cumprir os papéis que lhe cabem: esposa, mãe e dona de casa.

Considerando que a ideologia “tem existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 116), voltamos nossa atenção ao processo de produção, distribuição e consumo no qual o meme está envolvido, bem como aos elementos verbo-visuais que contribuem para uma análise profícua da construção multimodal discursiva ancorada em pautas machistas.

Em relação à **prática discursiva**, o meme analisado foi publicado em 15 de março de 2019, na página do Facebook intitulada Anti-feminismo. Criada em fevereiro de 2013, essa página trazia, à época da pesquisa, em sua foto de perfil, a figura de uma mulher sorridente com pelos nas axilas e um X na cor vermelha sobreposto à imagem. Administrada por dois brasileiros(as) e tendo como lema a frase “Todo feminismo acaba com o primeiro pneu furado”, a página possuía mais de 72 mil seguidores. Atualmente, a página não está mais disponível, mas, ao verificarmos suas publicações à época, constatamos que o principal propósito da comunidade era veicular postagens, entre elas, vídeos, memes e fotografias, que depreciavam o movimento feminista contemporâneo.

Como não existe a presença de uma assinatura no texto, torna-se difícil identificar a autoria do meme, se homem ou mulher. Sabemos apenas que ele foi produzido coletivamente por outra página da mesma rede social, devido à presença de um símbolo que a identifica: Corrupção brasileira memes. Esta, que se autointitula

humorística, foi criada em março de 2016 e, desde então, permanece com o mesmo nome. Quanto à imagem de seu perfil, havia uma foto do Presidente da República Jair Bolsonaro segurando uma blusa com o seguinte texto: “Olavo tem razão”. Duas pessoas são colocadas como membros da equipe que administram a página a qual, atualmente, já ultrapassou 1 milhão de seguidores. Com a legenda “Que Deus tenha misericórdia desta nação”, a página produz e compartilha memes sobre os mais diversos assuntos, especialmente questões políticas.

Para Fairclough (2001, p. 108), “os textos apresentam resultados variáveis de natureza extradiscursiva, como também discursiva”. Quanto a isso, identificamos que, após a publicação, o meme teve 217 curtidas, ação que, segundo Recuero (2014, p. 119, 120), “é uma forma de participar da conversação sinalizando que a mensagem foi recebida” e minimamente aceita pelos usuários do Facebook, gerando valores de capital social e agregando “esses valores à relação entre os atores envolvidos”. 62 seguidores da página compartilharam o texto multimodal, dando-lhe mais visibilidade, ampliando o seu alcance e legitimando um determinado posicionamento machista. Em relação a um maior engajamento dos leitores do meme no consumo textual, apenas 13 participaram efetivamente de sua interpretação por meio de comentários, o que demandou maior esforço e ocorreu porque os usuários tinham algo a dizer sobre o assunto. A autora aponta também que esse envolvimento representa “um maior risco para a face, pois é uma participação mais visível” e porque o “dito pode ser facilmente descontextualizado quando migrar para outras redes” (RECUERO, p. 121). Destacamos os seguintes comentários:

- 1) Essa é a pior chacota do feminismo... todas idolatram kkkk Aii vc pergunta o que ela fez? 'Na vdd gostam pq ela Não fez a sobancelha.
- 2) Quem mandou ter uma taturana no meio da testa?
- 3) Eu tbm trairia se ela tivesse essa sobancelha kkkk
- 4) Se fizesse a sobancelha, talvez o marido não traísse.
- 5) Fazer a sobancelha que é bom, vc não fez kkkkkk
- 6) Trotsky tinha uma coragem do capiroto, olha o dragão que ele passou o bets.

A construção desses discursos, inclusive por parte de mulheres, revela convergência com o padrão feminino de meiguice e beleza, constantemente

reatualizado pela mídia, bem como delega a culpa da traição masculina à participante feminina. Esse fato lembra uma das características dos oprimidos, a autodesvalia freiriana, a qual “resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, [...] terminam por se convencer de sua incapacidade” (FREIRE, 2016, p. 69). Além disso, o uso das metáforas “taturana”, “dragão” e “coragem do capiroto” e a referência constante ao formato da sobrancelha de Frida evidenciam a tomada de posição dos receptores textuais e mostram que, por intermédio do humor, o meme alcançou o seu propósito: naturalizar a supremacia masculina.

Dependendo do grau de conhecimento do leitor e das construções de sentido realizadas por ele, é possível relacionar o enunciado “só sou famosa pq tive um caso com Trotsky”, intelectual marxista que se tornou figura importante na Guerra Civil Russa, com o ditado popular “atrás de um grande homem, sempre há uma grande mulher”. Nessa perspectiva interpretativa, encontramos indícios de intertextualidade, propriedade linguística segundo a qual um texto incorpora fragmentos de outros textos, implícita ou explicitamente (FAIRCLOUGH, 2001). Podemos acrescentar ainda que o meme em análise apresenta interdiscursividade. Basta perceber os vestígios da fusão entre o discurso/as crenças da maioria das pessoas (senso comum) e o discurso humorístico, união que colabora com a naturalização do machismo e constrói, simbolicamente, uma assimetria entre Trotsky e Frida, cabendo a esta ficar sempre à sombra do marido.

Quanto ao **aspecto textual**, realizamos uma análise multimodal do meme. Como já exposto, ancoramo-nos nas categorias analíticas da LSF e da GDV elencadas no quadro a seguir.

Quadro 1: Categorias de análise textual

Teorias		Metafunções linguísticas / Categorias analíticas	
LSF (Halliday, 1970)	Ideacional (Transitividade)	Interpessoal (Funções de fala)	Textual (Tema/Rema)
GDV (Kress; van Leeuwen, 2006)	Representacional (Estrutura narrativa)	Interativa (Distância social e contato)	Composicional (Valor da informação e saliência)

Fonte: Os autores (2020)

Na metafunção ideacional, as representações do mundo se dão por meio da transitividade. Nessa perspectiva, podemos analisar a transitividade verbal presente no meme e identificar, como exemplo, uma regularidade do processo relacional na maioria das orações cujo participante é a personagem Frida Kahlo. A ela são dados determinados atributos que contribuem para a construção da sua imagem, como em “Oi, meu nome é Frida Kahlo”, “só sou famosa” e “eu era submissa”. Vemos que há um esforço por parte dos criadores do meme em fazer com que Frida se apresente ao leitor com os atributos “famosa” (e restringida pelo adjunto “só”) e “submissa”.

Por outro lado, percebemos o emprego de outros processos quando o sujeito é homem: o processo material, como em “que me traía com minha irmã com quem teve 6 filhos”, e o processo mental, como em “Ele mandava em mim”. Vale destacar que, nas únicas duas orações em que experimenta outro tipo de processo além do relacional, Frida ainda assim aparece como um sujeito submisso e que carrega traços negativos. Isso ocorre em “tive um caso com Trosky” e em “Pq me Kahlo”. Neste último exemplo, os autores subverteram o sobrenome da pintora em um processo comportamental a fim de reforçar essa ideia de mulher submissa.

Ao recorrer à metafunção interpessoal, podemos compreender como os sujeitos usam a linguagem para expressar atitude, julgamento pessoal e para estabelecer certos papéis comunicativos, como ofertar, comandar, declarar e perguntar (FUZER; CABRAL, 2014). Isso está relacionado à compreensão dos papéis discursivos adotados durante a troca de informações e a natureza dessa troca. Aqui, lançamos olhar apenas sobre este aspecto da metafunção. No meme sob análise, nota-se a predominância de orações que essencialmente afirmam o papel de Frida Kahlo e de sua fragilidade enquanto mulher. Ou seja, percebe-se a presença de

orações cujo papel adotado pelo sujeito é de dar informações por meio de declarações. Há, no entanto, apenas uma pergunta, cuja resposta já é dada: “Ele mandava em mim sabe pq? Pq eu me Kahlo”, o que não permite espaço para uma possível resposta do leitor e impõe, de certa maneira, uma verdade sobre a personagem na tentativa de provocar a ironia.

No tocante à metafunção textual, destacamos a estrutura temática das proposições e identificamos como os autores priorizam certas informações nas orações. Desse modo, busca-se compreender a relação tema-rema. Nas orações construídas nos memes, há predominantemente temas não marcados, isto é, temas cujo elemento nuclear é o próprio sujeito na sua posição inicial nas orações, como em “meu nome é Frida Kahlo”, “só sou famosa pq tive um caso com Trotsky”, “eu era submissa ao meu marido [...]” e “ele mandava em mim”. Portanto, percebemos que a estrutura temática do texto se volta predominantemente para Frida Kahlo, seja no aspecto verbal, seja no visual. As informações acrescentadas ao tema (no caso, o rema) contribuem para a construção de uma Frida famosa sob a sombra de um homem, casada com um marido que a traía e como uma mulher que silencia diante da subordinação à figura masculina.

Com relação à análise do texto visual, especificamente quanto ao aspecto representacional, o meme apresenta quatro cenas narrativas cuja principal participante interna (Frida Kahlo) está envolta em um enigmático evento, olhando enviesadamente para distintas direções. Como o foco da imagem envolve o olhar de Frida, segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 251), temos um processo de reação não transacional uma vez que essa imagem constrói “uma posição da qual a figura olha além de nós, em alguma outra coisa, ou em nada em particular, em qualquer caso, em algo não incluído em nossa visão”. Isso quer dizer que o fenômeno apontado pelos vetores se encontra fora da moldura imagética; portanto, a participante pode ser caracterizada como uma idealista, que espera algo do futuro.

No que concerne ao aspecto interacional, apenas no primeiro quadro da composição visual, Frida, ainda que de modo lânguido, mira os leitores e estabelece com eles uma relação de demanda, na qual os convida à interação social por meio da própria apresentação. A esse respeito, Fernandes e Almeida (2008, p. 18) destacam que “a imagem exige uma resposta do observador e, dessa forma, constrói para ele uma posição interpretativa que define quem esse observador é.” Nesse caso, a

análise realizada pelos leitores do texto e seu conseqüente *feedback* sinalizam, mediante curtidas, comentários e compartilhamentos, seus posicionamentos perante a problemática, bem como tensionam relações assimétricas de poder hegemonicamente entrelaçadas entre homens e mulheres na sociedade atual.

Nos demais quadros (2, 3 e 4), a participante representada esquiva-se do olhar do leitor imagético. Ainda que o propósito da página onde o meme foi publicado seja pôr em evidência ideias machistas, percebemos uma oposição entre as informações verbais selecionadas acerca da vida pessoal de Frida, que destacam submissão, e a tentativa de fuga através do seu desvio de olhar, porque outros fatos mais significativos marcam sua trajetória de mulher aguerrida, ícone das questões femininas da década de 1950. Kress e van Leeuwen (2006, p. 119), seguindo Halliday (1970), declaram que, nesse exemplo, temos uma relação de oferta, em que a imagem oferece a participante como objeto de contemplação, impessoalmente, como se fosse um espécime em uma vitrine. Percebemos que este é facilmente atacado/deturpado por apreciadores de ideologias machistas e misóginas.

No quesito distância social, a escolha do *closet shot*, plano fechado, ocorreu de dois modos distintos: distância pessoal próxima, em que cabeça e ombros são retratados, como nos quadros 1 e 3; e distância íntima, na qual vemos apenas a cabeça ou a face da participante, como nos quadros 2 e 4 (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 125, citando HALL, 1964). A preferência por esse posicionamento revela uma tentativa do produtor textual de criar um forte senso de afinidade entre Frida e o(s) observador(es) do meme, característica que corrobora os objetivos das páginas do Facebook – criadora e propagadora do texto visual –, bem como os de seus seguidores. Estes, muitas vezes, se apropriam do discurso alheio e popularizam o feminismo como “uma maquiagem de algo muito mais obscuro que recebe o nome de revolução sexual, que é a transformação dos comportamentos, da relação e da diferenciação entre homem e mulher” (CAMPAGNOLO, n. p. citada por BAGGENSTOSS; GONÇALVES, 2019).

Por último, no processo composicional do texto visual, destacamos o valor informacional e a saliência. O primeiro se refere à disposição da participante que, em meio às informações verbais de sua biografia, aparece sempre no centro de cada cena, em posição proeminente sem elementos à margem, mesmo posto que ocupa quando abordamos questões relacionadas à busca de direitos equânimes entre

homens e mulheres. No entanto, o poder dado a Frida, devido a sua colocação em primeiro plano na composição visual, contrasta com a concepção de subalternidade evidenciada no texto verbal.

Quanto à saliência, recurso utilizado para dar maior visibilidade a um elemento textual, destacamos a posição mais próxima do rosto de Frida nos quadros 3 e 4, cujo olhar enviesado ora aponta para a esquerda, ora para a direita. Sobre isso, Brunson e Morley (1978), citados por Kress e van Leeuwen (2006), ressaltam que normalmente a câmera se aproxima, usando closes maiores, de sujeitos que estão revelando seus sentimentos, os quais tendem a ser nomeados em legendas sobrepostas e têm suas contribuições enquadradas e resumidas. Por essa razão, acreditamos que o meme se aproveita das vivências de uma reconhecida artista plástica, defensora da liberdade feminina, para desestabilizar suas experiências em prol da construção de um ponto de vista particular que poderá ser aceito como coletivo.

Evidenciamos também o símbolo Corrupção brasileira memes, que identifica a página do Facebook onde o meme foi criado. Trata-se de uma reconstrução humorística feita a partir do brasão de armas do Brasil, distintivo de uso obrigatório em todos os prédios públicos dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e das Forças Armadas. Tal símbolo é o único elemento colorido na composição, contrastando com o panorama da escala de cinza que circunda Frida Kahlo. Acrescentamos que esse brasão pode simbolizar um ponto de interseção entre *fakes* e fatos que permeiam a pauta de vários movimentos sociais brasileiros na última década. A seguir, apresentamos as considerações finais sobre a investigação realizada.

Considerações finais

A análise aqui desenvolvida nos leva a refletir acerca da construção multimodal do discurso antifeminista sobre o gênero social por meio de um olhar sobre um meme coletado na página do Facebook intitulada Anti-feminismo. Para isso, aplicamos o modelo de análise tridimensional do discurso de Fairclough (2001) e constatamos que há um forte investimento discursivo na tentativa de desconstrução não somente do feminismo, mas principalmente da figura da mulher na nossa sociedade.

Essa constatação nos permite concluir que as escolhas verbais e visuais do texto analisado corroboram a submissão da mulher às imagens que socialmente são impostas a ela: esposa, mãe e sujeito submisso sexual e profissionalmente à figura do homem. Constatamos ainda que, ao atacar o movimento feminista, por intermédio da figura de Frida Kahlo e de toda a sua representatividade de liberdade e empoderamento, o movimento antifeminista contribui para práticas hegemônicas que atingem a mulher, seja ela adepta ou não ao movimento feminista.

O trabalho investigativo realizado neste artigo nos alerta para a necessidade de desvelar as estratégias discursivas empregadas por sujeitos que buscam oprimir determinados grupos. O aporte teórico-metodológico apresentado no âmbito da ADC, da LSF e da GDV, bem como o percurso analítico adotado nos permitiram compreender como o discurso que tenta se impor dominante é construído. Além disso, suscitaram-nos reflexões sobre as estratégias pelas quais certos valores são postos como verdade, são distribuídos em larga escala e referendados por outros indivíduos que também alimentam essa cadeia de ódio e de ausência de alteridade. Esse esforço valida a relevância social de atividades de pesquisa que se engajam na busca de equidade social.

Referências

ALMEIDA, D. B. L. (Org.). **Perspectivas em análise visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

BAGGENSTOSS, G. A.; GONÇALVES, J. A. F. (Anti)Feminismo em pauta. **Carta Capital** (on-line). mar. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/antifeminismo-em-pauta/>. Acesso em: 10 maio 2019.

CRESCÊNCIO, C. L. Antifeminismo e ressentimento: as mulheres no O Pasquim. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**). Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498609031_ARQUIV_O_Cintia_Lima_Crescencio_Texto_completo_MM_FG.pdf. Acesso em: 18 abr. 2019.

CALIXTO, D. **Memes na internet**: entrelaçamentos entre educomunicação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais. 2017. 151f. Dissertação de Mestrado. Área Interfaces Sociais na Comunicação. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-01112017-102256/pt-br.php>. Acesso em: 11 maio 2019.

DAVISON, P. **The Language of internet memes: the social media reader**. Edited by Michael Mandiberg. New York: New York University Press, 2012.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. New York: Routledge, 2003.

FERNANDES, J. D. C.; ALMEIDA, D. B. L. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. In: ALMEIDA, D. B. L. (Org.). **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, p. 09-31.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 62 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**. Rio de Janeiro, v.16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27795>. Acesso em: 23 maio 2019.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1970.

KRESS, G.; VAN LEEWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.

LIMA, M. B.; DE GRANDE, P. B. Diferentes Formas de ser mulher na Hipermídia. In: ROJO, R. (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 37-58.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003. Acesso em: 10 abr. 2019.

RECUERO. R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e reverso**. Pelotas, RS, v. XXVIII, n. 68, p. 114-124, mai./ago.2014. Disponível em: <http://www.revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>. Acesso em: 25 maio 2019.

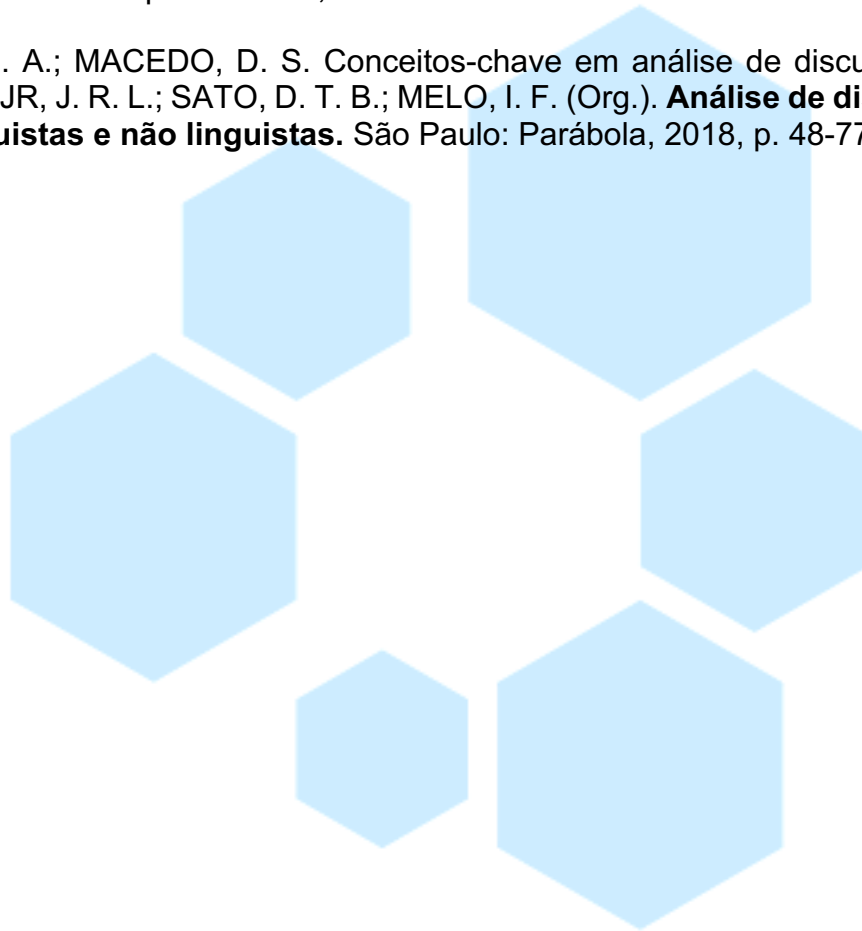
RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. C. V. S. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004. Disponível em:

http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/307. Acesso em: 17 maio 2019.

SCHMIDT, R. T. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 14 (3), n. 272, p. 765-799, set./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300011>. Acesso em: 25 abr. 2019.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução do Grupo de Estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de psicologia da PUCRS. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (Org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018, p. 48-77.



Recebido em 18 de agosto de 2020
Aprovado em 14 de dezembro de 2020